
O Guia de uma Geração: Impressões Sobre o Jornal Panorama¹

José Carlos FERNANDES²

Luísa Lis Andrade MAINARDES³

Eduardo Magalhães OLIVEIRA⁴

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Durante 20 meses, o jornal *Panorama* (1975-1976) circulou em Londrina, norte do Paraná. Veículo de um dos maiores conglomerados de comunicação da época (Grupo Paulo Pimentel), o periódico foi encabeçado por um núcleo de jornalistas tarimbados, vindos diretamente de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. A época não era a ideal para a livre circulação dos impressos e, com esse desafio, o *Panorama* fez circular mais de 540 edições. O que se pretende com esse estudo é reunir e destrinchar a experiência de quatro jornalistas que passaram pelo veículo no início de suas carreiras — Bernardo Pellegrini, Célia Regina de Sousa, Elvira Alegre e Tadeu Felismino. As entrevistas expõem a parceria entre os veteranos e os “focas”, no jargão jornalístico, e o amplo desenvolvimento dos produtos experimentais do meio estudantil da época.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal Panorama; Imprensa paranaense; Ditadura civil-militar

INTRODUÇÃO

A breve trajetória do jornal *Panorama* - periódico que circulou em Londrina, no Norte do Paraná, entre 1975 e 1976 - pode ser classificada como uma das mais saborosas “histórias desconhecidas” da imprensa brasileira. Há raros registros escritos sobre esse evento editorial, apesar de ser um episódio narrado com vivacidade por aqueles que dele participaram e por gerações de jornalistas e leitores que ouviram falar do diário.

Em pesquisa de “estado da arte”, foram encontrados relatos radiofônicos e uma monografia, dotada de informações iniciais e precárias. No seminal *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (2018), de Bernardo Kucinski, o *Panorama* não ultrapassa um rodapé. É, com folga, a ausência que mais causa estranheza e, não por acaso, a mais reveladora. Não se pode e não se deve acusar

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

³ Estudante de Graduação 8.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: luisalismainardes@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: edududu.magalhaes@gmail.com

Kucinski de ignorância ou negligência, posto que o pesquisador - por anos professor do curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo - cita o jornal e os movimentos da imprensa alternativa durante a ditadura civil-militar instalada em 1964, na medida em que referenda a participação de Londrina no cenário de resistência via imprensa. Kucinski (2018), portanto, reconhece a existência do *Panorama*, mas não o entende como um dos 150 jornais *undergrounds* surgidos a partir da revista *Pif-Paf*, de Millôr Fernandes, ainda no ano do Golpe (CHINEM, 2019; KUCINSKI, 2018).

A não-exploração do *Panorama* - à revelia de haver motivos de sobra para tanto - é por si só uma informação. Trata-se de um fenômeno de difícil catalogação. Kucinski é conservador e preciso ao não classificá-lo nas hordas da imprensa alternativa. E os demais autores da historiografia da imprensa não veem no jornal londrinense um jornal como os outros. Logo, nem sequer o citam. De modo que resta concluir ser o *Panorama* um jornal que surgiu, circulou e morreu em raia própria, como uma espécie de “ponto de fuga”. Era, em resumo, um veículo que bebia nas fontes da mídia de resistência à ditadura, flertava com as fórmulas da revista *Realidade* - da qual vinha parte de seu elenco de repórteres e editores -, mas era sustentado por um grande conglomerado de comunicação, do ex-governador do Paraná, Paulo Pimentel, que sonhava ser aquele um jornal nacional, escrito a partir da meca do café, Londrina, cidade por onde, então, circulava parte considerável da riqueza brasileira (FERNANDES; ZANOLLA, 2022).

O nascimento do *Panorama* é uma espécie de saga sertaneja. No início da década de 1970, em meio a uma relação bipolar com o regime militar - do qual era ora signatário, ora opositor - o agora empresário Paulo Pimentel foi convencido de um de seus conselheiros, Délio Cezar, a criar um jornal em Londrina, no rico Norte Paranaense, região que vinha sendo desmatada desde a década de 1930, em escala jamais vista. A cidade era o epicentro do Brasil do futuro, sendo comum, em suas ruas manchadas pela terra vermelha ouvir sotaques de todos os pontos do país e idiomas estrangeiros (WACHOWICZ, 2016).

A “capital do café” tinha vivido uma experiência editorial anterior, com o revolucionário e não menos cultuado *Novo Jornal*, cujo percurso não cabe discutir neste artigo. O fato é que havia uma soma de ingredientes favoráveis ao início de uma nova aventura editorial: os jornais ainda eram detentores da maior fatia dos anúncios publicitários, que bebiam na credibilidade da imprensa; a cidade tinha, em tese, se

mostrado simpática à iniciativa do extinto *Novo Jornal*; havia um único concorrente à vista - o jornal *Folha de Londrina*; e a região, das mais promissoras, era uma espécie de observatório do país que se desenvolvia pela força da agricultura. O sistema de crenças era tamanho que o *Panorama* ganhou sede construída exclusivamente, com logomarcas no frontão, para identificar que ali havia um jornal. Tanto quanto, esse tipo de investimento ostensivo se mostrava raro no país (COSTA; FERNANDES; MARQUETE, 2016).

Tamanha tarefa só poderia ser desenvolvida por jornalistas experientes, ao que Délio Cezar propõe a “importação” de uma dezena de nomes oriundos da imprensa paulista e carioca, todos estrelados e premiados, com passagens, inclusive, pela mítica revista *Realidade*. Sugere uma espécie de “time dos sonhos”, infalível, com experiência e talento para alçar o jornal nascente a um posto semelhante ao dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, com a diferença de que seu ponto de partida era o interior do país. Paulo Pimentel tinha motivos para acreditar. Além de emissoras de televisão, era proprietário dos jornais *O Estado do Paraná* - o que mais sofreu azaques dos censores - e do popular *Tribuna do Paraná*, ainda hoje em circulação, mas sob a tutela de um conglomerado concorrente, o Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom). Diferentemente de outros *publishers*, Pimentel era conhecido por se cercar de jornalistas experientes, de ouvi-los e de delegar a eles as funções editoriais, intervindo pontualmente (MAINARDES et al, 2020; FERNANDES, 2018).

Era essa sua relação com o jornalista Mussa José de Assis, ex-*Última Hora*, com passagens pelo *O Estado de S. Paulo* e na chefia do jornal *O Estado do Paraná*. Investir num novo jornal, comandado por jornalistas, não lhe era tarefa de todo estranha. De modo que “mandou buscar” os tais figurões sugeridos por Délio César. Da lista faziam parte o criador do conto-reportagem, o jornalista e escritor João Antônio; Mylton Severiano, o Myltainho - ligado à revista *Realidade*; Narciso Kalili, Ricardo Gontijo, José Trajano - que viria a se tornar um dos maiores jornalistas esportivos do país - e Hamilton Almeida Filho, para citar alguns. Ainda nos fins de 1974, em plena ditadura Geisel, eles chegaram a uma Londrina com 170 mil habitantes, para idealizar um jornal moderno, no qual as práticas do jornalismo de revista e da imprensa alternativa seriam financiados pelo capital (FERNANDES, ZANOLLA, 2022)..

A proposta parecia arriscada, mas não era mais estranha do que a própria Londrina, na qual conviviam gentes de todos os cantos do país e do mundo. A parcela mais provinciana da cidade - de acordo com relatos -, contudo, estranhou aquele grupo de hábitos pouco ortodoxos. Os “forasteiros” - expressão ainda usada no Paraná - viviam em comunidade e cultuavam práticas boêmias e étlicas numa escala que causaria estranheza mesmo em São Paulo ou no Rio, o que diria no Norte Novo do Paraná. O cosmopolitismo dos recém-chegados ofuscou ainda mais quando em torno deles passaram a gravitar jovens universitários da cidade, candidatos a estagiar e a trabalhar no *Panorama*, o que de fato aconteceu (MAINARDES *et al*, 2020).

Não se pode resumir a experiência abortada do *Panorama* apenas aos choques comportamentais. São parte do episódio. Ainda de acordo com relatos, se para parte da imprensa local era uma espécie de privilégio poder encontrar João Antônio no balcão da padaria, para outros a convivência entre jornalistas da capital e jornalistas da província criou uma espécie de mal-estar colonial. Parecia, como se diz no senso comum, uma decisão de cima para baixo. Some-se a esse circuito de desconfiança a informação - então em circulação - de que o *Panorama* vinha para fazer frente ao já estabelecido *Folha de Londrina*, do folclórico empresário João Milanez. Em resumo, o *Panorama* gozava de opositores que atuavam em segredo, fosse na imprensa, no empresariado ou no interior das famílias tradicionais. Tudo indica que ou por distração ou por excesso de autoconfiança, nenhum agente ligado à implantação do jornal se deu conta desses perigos silenciosos.

Tal como planejado, a aventura do *Panorama* se iniciou. Houve oficinas de formação com os repórteres e estudantes. Paralelo à produção gráfica e editorial do jornal - concepção que bebia nas fontes de papas do gênero, como Reynaldo Jardim e Amílcar de Castro, oriundos, entre outras remodelações, do *Jornal do Brasil* (MOTTA, 2018)- deu-se a produção da primeira edição. Tinha de ser histórica, uma demarcação de fronteira, com três cadernos especiais. Todos os ingredientes do melhor do jornalismo de revista e da imprensa alternativa estavam ali - textos primorosos, pautas bem desenhadas, personagens invisíveis, titulação ousada, humor, fotojornalismo de raiz. Uma das novidades era uma pesquisa de opinião, comandada pelo Ibope, com a ambição de responder “quem era o londrinense”. A estratégia editorial era incomum à época, ainda mais no interior do Brasil (FERNANDES; ZANOLLA, 2022).

Ao chegar às bancas de jornais, o *Panorama* não encontrou a recepção desejada. Sobre esse episódio do “clássico encalhado”, os relatos são esparsos e inconclusos. A tática de lançar uma primeira edição ostensiva, como teste, era comum à imprensa da época. Havia um cálculo padrão - se vendesse 30% de 100 mil exemplares, por exemplo, um novo jornal ou revista tinha chance de prosperar. Não há dados sobre o tamanho da primeira edição, nem sobre o volume do encalhe, apenas testemunhos orais de que um calhamaço - semelhante, no Paraná, apenas ao do jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, tradicional reserva de anúncios classificados - teria causado impressão aos leitores. A primeira edição teria ficado dias à venda, antes de ser recolhida e se chegando ao destino final, a venda como jornal velho.

A tomar pelos dados gerais do Paraná, Londrina poderia ter algo como 40% de analfabetos e porção semelhante de alfabetos funcionais. De modo que pesquisas sobre o perfil de londrinenses, incursões junto a bóias-frias ou minibiografias com o título “Desgracido!”, sobre o popularíssimo João Milanez, dono do jornal concorrente, soaram tão agressivas como incompreensíveis. O “erro tático” de superestimar a capacidade de leitura da população, e de subestimar seus reais propósitos de leitura, é reconhecido por parte das fontes que sustentam essa pesquisa. E também arrefecida - não haveria naquele tempo “massa crítica”, semelhante a hoje, para compreender o comportamento dos leitores. Some-se que o empresariado e anunciantes estranharam as modernidades editoriais do *Panorama*. O hoje apontado como o melhor jornal que o Paraná já teve nasceu - desde o primeiro número - com data marcada para morrer (FERNANDES; ZANOLLA, 2022).

O “time dos sonhos” do *Panorama* permaneceu em atividade por menos de seis meses, a contar da chegada do grupo, em 1974. Em abril de 1975, ante a pressão dos anunciantes, quebrou-se uma espécie de pacto de liberdade editorial garantida por Paulo Pimentel. A ruptura estava dada. O episódio tem narrativas desencontradas - há quem conte ouvir os gritos trocados entre o empresário e Délio César. Outros sustentam que o encontro, por certo acalorado, entre o jornalista resistente e o empresário relutante se deu numa chácara, longe dos olhares e ouvidos do reportariado. A temperatura da conversa teria chegado à redação por meio de relatos. O fato é que o “time dos sonhos” se demitiu coletivamente. Ao deixar Londrina, aqueles jornalistas levaram de alguma maneira os jovens que tinham formado em tempo recorde, a exemplo da ainda

adolescente Elvira Alegre. Em São Paulo, ainda naquele ano, ela seria a única profissional de imprensa a fotografar o velório do jornalista Vladimir Herzog, fato que redundou no ato ecumênico que demarcou a resistência explícita às práticas de tortura e de mentira dos ditadores (RIZZI, 2020).

A parcela de repórteres que ficou, os mais jovens e os mais experientes, deu continuidade às propostas editoriais do *Panorama*, mas não por muito tempo. Em 18 de julho de 1975, a chamada “Geada Negra” devassou os cafezais paranaenses, causando uma reviravolta na economia. A diminuição dos recursos implicou num adestramento editorial do jornal. Ainda que até o último número se possa sentir o estilo deixado pelos jornalistas da *Realidade* e da imprensa alternativa, o *Panorama* virou um “jornalão” dentre tantos, com publicação integral de textos de agências internacionais e de releases, até seu fechamento em meados de 1976, quando entrou em definitivo para o imaginário da imprensa. Assim como aconteceu na literatura, área dada ao cultuamento de livros desaparecidos ou naufragados, o *Panorama* ficou na memória como o jornal que poderia ter sido.

A PESQUISA

Em agosto de 2019, o projeto de iniciação científica *Imprensa e ditadura militar no Paraná: o breve jornal Panorama*, desenvolvido no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com sete pesquisadores e um orientador, deu início a uma investigação sobre o periódico que circulou em Londrina e região. O grupo teve acesso - via empréstimo - a todos os exemplares da coleção, hoje parte do acervo do Grupo Paranaense de Comunicação, o GRPCom, que comprou os jornais do grupo Paulo Pimentel (GPP), em 2011 e, por consequência, seus acervos.

A pesquisa - que se encerra em setembro de 2022 - passou por etapas tais como a “leitura flutuante” dos exemplares; produção de documento de trabalho, texto que contém, entre outros capítulos, dados sobre a cidade de Londrina, em meados dos anos 1970; informações sobre a imprensa no período; e conjecturas políticas sobre o período que gerou uma espécie de “miragem democrática” - fator que pode, em tese, figurar entre os atrativos para investir num grande jornal, idealizado por um elenco espetacular de jornalistas. Paralelo, foram feitas 12 entrevistas em profundidade com remanescentes do jornal *Panorama*, entre eles os quatro jovens que se juntaram ao grupo, cujas falas

são aqui analisadas. Ao todo, a pesquisa do *Panorama* gerou cinco artigos científicos e sete transcrições de matérias da edição número 1⁵, disponíveis para o público.

Dentre as primeiras conclusões sobre a trajetória do jornal *Panorama*, exploradas ao longo da pesquisa, estão: 1) O “lugar difícil” de classificação do jornal, dado seu hibridismo editorial - um produto da imprensa brasileira em fase de industrialização e regramento corporativo, próprios dos anos 1970, quando o “jornalismo romântico” foi decretado como “coisa do passado”, ao mesmo tempo que idealizado nas bases desse mesmo romantismo (ABREU, 2002); 2) A percepção de que a chegada dos jornalistas renomados a uma cidade pequena tinha um caráter colonialista, que se sobrepujava aos saberes do jornalismo local, de modo especial por se tratar da cidade que tinha produzido uma peça como o *Novo Jornal*; 3) A oferta de um produto sofisticado demais para as expectativas de uma cidade formada por pessoas com baixa exposição à escola. Teria havido um erro estratégico ao não ouvir o público da cidade; 4) O conluio entre empresários e/ou anunciantes, arrebanhados em torno do jornal concorrente, a *Folha de Londrina*, fazendo minguar as possibilidades comerciais do *Panorama*; 5) O personalismo da equipe vinda de fora, cujos talentos pessoais se sobrepõem ao próprio interesse jornalístico; 6) O provincianismo de Londrina, acuada diante do cosmopolitismo dos visitantes. 7) Não há registros de que o *Panorama* tenha enfrentado os humores da ditadura ou pelo menos de que maneira conviveu com a vigilância aos jornais. O estar à margem, numa divisa menos visada, ainda que nunca cidade dada a votar na oposição ao governo militar, garantiu certa tranquilidade editorial aos publishers. 8) Por fim, o *Panorama* não foi considerado na historiografia - ao menos pela sua curiosidade e ineditismo -, porque essas construções se dão com base no eixo Rio-São Paulo. São muitos os sinais dessa disparidade - o jornal *Diário do Paraná*, do grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, por exemplo, antecipou-se às reformas gráficas e editoriais que consagraram o *Jornal do Brasil*, pelas mãos, inclusive, do próprio Reynaldo Jardim (CÔRTEZ, 2000). Tal e qual o *Panorama*, o arrojado suplemento *Arte & Letra*, do *Diário do Paraná*, não consta em nenhum levantamento sobre a imprensa cultural no Brasil.

⁵ Material disponível no site
<https://icjornalpanorama.wixsite.com/home/artigos-e-publica%C3%A7%C3%B5es>

A essas premissas, some-se que o *Panorama* desenvolveu uma espécie de “discipulato”. Ou seja, os jornalistas mais experientes do eixo Rio-São Paulo formaram, em pouco tempo, um grupo de jovens jornalistas. Em entrevista, o hoje advogado e jornalista Thadeu Felismino afirmou que em uma tarde, na qual Mylton Severiano editou uma reportagem que o londrinense tinha escrito, entendeu o que era jornalismo (RIZZI, 2022). testemunhos semelhantes se repetem, nas análises que se seguem.

PERCURSO

As bases teóricas que sustentam a pesquisa em torno do jornal *Panorama* partem da análise de conteúdo (BARDIN, 2008), da hermenêutica, da entrevista em profundidade (DUARTE; BARROS, 2006) e da história oral (ALBERTI, 2013). O material coletado tem sido analisado e interpretado, de modo a constituir um novo recorte, ainda que pequeno, na historiografia da imprensa brasileira, a partir da imprensa regional. A intencionalidade é reunir e gerar fontes para outras pesquisas, sobre temas que gravitam em torno de questões como imprensa e regionalismo, localismo, influência do jornalismo literário e, sobretudo, imprensa em tempos de ditadura militar.

Como parte da exploração dos temas que emergem das entrevistas e da consulta à coleção do *Panorama*, o presente artigo pretende reunir e destrinchar os relatos fornecidos através de quatro entrevistas com profissionais que passaram pelo jornal *Panorama* ainda na sua juventude. Entre eles estão: o escritor e músico Bernardo Pellegrini; a jornalista Célia Regina de Souza; a repórter fotográfica Elvira Alegre; e o jornalista e pesquisador Tadeu Felismino. As três primeiras entrevistas foram realizadas de forma remota, por conta das restrições impostas pela pandemia de coronavírus. A entrevista com Tadeu Felismino, em abril de 2022, já pôde ser realizada presencialmente, em Londrina. As entrevistas totalizam mais de cinco horas e meia de duração e foram devidamente transcritas pelos integrantes do grupo de pesquisa.

A EXPERIÊNCIA DOS FOCAS

Durante os meses de preparação da primeira edição do *Panorama*, publicada em março de 1975, uma série de focas — jargão jornalístico para os novatos, ainda em experiência (LOBO, 2010) — foram contratados pela redação. Os jovens profissionais

foram escolhidos pelos veteranos do *Panorama* e, eventualmente, precisaram passar por testes de compatibilidade com o *modus operandi* da redação.

Em 1974, com 17 anos, a futura repórter fotográfica Elvira Alegre estava em dúvida entre o vestibular de Medicina e Comunicação. Com a chegada do *Panorama*, a jovem Elvira se interessou e precisou passar por uma breve avaliação para integrar o setor de fotografia do jornal, coordenado por um fotógrafo conhecido como Cachimbo:

“Eu nunca tinha fotografado, mas sabia que tinham chegado oito equipamentos fotográficos, todos novinhos. Eu também sabia que sete fotógrafos já estavam fazendo estágio no *Panorama*, junto com o Cachimbo, que estava coordenando a turma da fotografia. Eu falei para o Jorge Bordokan que queria fazer fotografia e ele aceitou fazer uma experiência comigo. Peguei uma máquina, carreguei e fui pra cidade fotografar. Usei o filme inteiro e voltei pro *Panorama*, que ainda estava em construção. Ampliei umas fotos e apresentei três para o Bordokan. Ele gostou muito e disse que o oitavo equipamento era meu” (RIZZI *et al.*, 2020).

Enquanto isso, a jornalista Célia Regina de Souza, na época com 20 anos e estudante de Economia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), começava a trilhar a carreira jornalística quando o *Panorama* chegou à cidade. Sendo uma das idealizadoras do *Poeira*, jornal relevante na trajetória do movimento democrático e estudantil de Londrina, Célia já havia feito alguns trabalhos menores: “Todo mundo começou a trabalhar em jornal e eu também trabalhei, mas fazia *freelas*, ao mesmo tempo eu queria muito trabalhar, mas não tinha emprego fácil” (RIZZI *et al.*, 2020).

Como primeira experiência no *Panorama*, Célia foi desafiada a realizar uma matéria ao estilo jornalismo gonzo, registrando o dia a dia dos trabalhadores boias-frias. Em uma dura jornada, a repórter expôs a difícil realidade dos trabalhadores rurais, condenados a rotinas exaustivas e instabilidade no vínculo empregatício⁶. “Saiu a matéria e eles me convidaram para fazer parte da redação como repórter na editoria de economia. Eu aceitei e comecei a trabalhar junto com Ricardo Gontijo, Alex Solnik e Mônica Teixeira” (RIZZI *et al.*, 2020).

Para a jornalista, a experiência foi inusitada para ambos os lados. Londrina era conhecida por ter uma boa qualidade de vida e o ritmo era mais tranquilo, em

⁶ Disponível no link: <<https://icjornalpanorama.wixsite.com/home/post/boia-fria>>

comparação com a metrópole. “Era uma vida completamente diferente. Eles gostaram muito daqui e a gente gostou muito deles (RIZZI *et al.*, 2020).

O escritor e músico Bernardo Pellegrini, com somente 16 anos, era o foca, no jargão jornalístico, mais novo a frequentar a redação. Mesmo adolescente, o jovem jornalista também era integrante assíduo das atividades culturais de Londrina. Chegou a trabalhar na TV Coroados, próxima à sede do *Panorama*, mas deixou a televisão para seguir carreira no impresso: “Depois que me demiti da televisão, eu estava triste em casa. Lembro dos meus heróis trabalhando no Panorama e eu mofando em casa” (RIZZI *et al.*, 2021). Bernardo ainda destaca como a rotina boêmia dos veteranos era intrínseca à dinâmica da redação:

A gente varava a noite discutindo ideias maravilhosas e às sete da manhã tomava banho para voltar para o jornal. Quem saía do jornal às onze da noite ia pro bar de novo. Quando a gente não aguentava mais, ia pra casa, desmaiava e faltava no trabalho. Era uma aventura (RIZZI *et al.*, 2021).

Em paralelo, o jornalista e escritor Tadeu Felismino estava completando um ano de profissão. O jovem de 19 anos havia passado pelo *Novo Jornal* — periódico precursor do jornalismo independente e de revista em Londrina — e estava atuando no jornal *Folha de Londrina*. “Em 1974, veio essa história do *Panorama* e isso chegou na cidade como um grande acontecimento para o pessoal da área de jornalismo” (RIZZI *et al.*, 2022). Segundo o jornalista, Londrina já tinha uma boa escola para novos profissionais da área, com foco, sobretudo, no jornalismo independente, o que não era percebido na capital paranaense, já que ainda estava muito ligada à assessoria de imprensa.

Empregado na *Folha de Londrina*, Tadeu estava “fazendo o arroz com feijão” (RIZZI *et al.*, 2022) quando foi convidado pelos seus antigos colegas do *Novo Jornal* a ingressar na experiência do *Panorama*. “A equipe convidada para o jornal, foram os profissionais da experiência anterior do *Novo Jornal*. Pessoas que, para mim, eram grandes referências” (RIZZI *et al.*, 2022). Na mesma época, o jovem jornalista estava atuando junto ao *Poeira*.

O **processo de produção de pautas** era inovador para os jovens jornalistas, que não estavam acostumados em seguirem madrugada adentro discutindo o que deveria ou

não entrar nas páginas do jornal. “Meu mundo mudou completamente, porque comecei a ver como se fazia um jornal. Além deles serem bons, eles ensinavam e deixavam aquela moçada toda deslumbrada” (RIZZI *et al*, 2020), conta Elvira. Para a repórter fotográfica, o jornalista Narciso Kalili era responsável por grande parte das ideias de pauta levantadas em reunião: “Tínhamos uma cabeça um pouco curiosa e foi impressionante porque eram pautas que a gente nunca tinha visto. Elas eram mais profundas e investigativas” (RIZZI *et al*, 2020).

Por outro lado, Célia, que possuía maior experiência jornalística, destaca que estava acostumada com redações menores, mas que o *Panorama* foi um colosso, tanto em estrutura, quanto em direcionamento editorial. “Eles tinham a estrutura do jornal O Estado do Paraná, mas não se comparava em termos de pretensão, beleza e capacidade” (RIZZI *et al*, 2020). Bernardo, ainda muito jovem no ramo, relata como ficou deslumbrado com tanta novidade: “Ninguém sabia o que eram reuniões de pauta, especialmente com 20 jornalistas. Eles não conheciam a região, mas queriam conhecer e para isso tinham o olhar do novo” (RIZZI *et al*, 2021). O escritor destaca como os grandes centros urbanos não eram ambientes favoráveis para o exercício do jornalismo criativo e inovador, visto as constantes ameaças políticas provenientes do regime civil-militar. Londrina era uma região rica e desenvolvida o suficiente para ser o berço de um novo jornal, amparado com um investimento significativo.

Os três jornalistas concordam quando afirmam que os jornalistas que tiveram a oportunidade de passar pelo *Panorama* durante o primeiro mês de circulação, tiveram uma escola de jornalismo à sua disposição. Tadeu revela que: “Para a minha sorte, por ter trabalhado no *Novo Jornal*, fui convidado para participar do projeto. Eu era mais jovem e mais inexperiente, mas pude trabalhar em um projeto maravilhoso” (RIZZI *et al.*, 2022). Elvira ressalta que:

Quem trabalhou no *Panorama* aprendeu a fazer um jornalismo diferente. O Hamilton de Almeida Filho sempre falava que o jornalismo de verdade é o jornalismo a sangue quente. E essa foi a semente que foi plantada nos jovens jornalistas de Londrina que trabalharam no *Panorama*. Todo mundo que passou por lá e teve contato com esse pessoal que veio de fora, aprendeu diferente. (RIZZI *et al*, 2020).

Assustado com tamanha diferença entre a TV Coroados e o jornal *Panorama*, Bernardo conta como foi desencorajado a ler livros técnicos sobre jornalismo e incentivado a mergulhar na literatura: “Eu estava lendo livros sobre como fazer lide e eles me mandaram jogar fora. Era preciso contar a história, amarrar e seduzir o leitor. Então, me falaram para esquecer o lide e ler Dostoiévski e Capote” (RIZZI *et al*, 2021).

Além disso, a relação entre os focas e os veteranos atravessou o convívio profissional e agregou nas vidas pessoais de ambos os grupos. Célia relembra que “para quem estava mais próximo, foi uma reação apaixonante que virou amizade e depois casamento. Eles nos adotaram e nós criamos essa relação de amor com eles também” (RIZZI *et al*, 2020). Muitos dos jornalistas veteranos acreditavam que estavam indo estabelecer acampamento em uma cidade provinciana, mas acabaram encontrando uma juventude de cabeça arejada e pronta para novos desafios no campo jornalístico. “De alguma maneira, nós viramos colegas de profissão com uma relação carinhosa de amizade”, ressalta Célia (RIZZI *et al*, 2020).

O resultado foi uma série de parcerias e a exportação de diversos jornalistas da região para grandes veículos, puxados pelos veteranos, que retornaram aos seus estados depois de uma demissão coletiva, provocada por um conflito com a gestão do jornal. Célia, por exemplo, estava vinculada ao movimento estudantil, mas incentivou colegas a seguirem os passos dos jornalistas oriundos do eixo Rio-São Paulo: “Como colegas de profissão, eu não fui trabalhar em outros projetos com eles, mas muita gente foi. Quem quisesse continuar tinha que continuar” (RIZZI *et al*, 2020). A repórter fotográfica Elvira Alegre continuou. Em companhia dos jornalistas veteranos, foi para São Paulo e ficou reconhecida por ser a única fotógrafa a registrar o funeral do jornalista Vladimir Herzog. “Eu peguei a grande época do *Panorama*, que foi a criação e montagem do jornal. Conhecer todas aquelas pessoas foi incrível para a minha vida profissional” (RIZZI *et al*, 2020).

Em certos níveis, os jornalistas forasteiros impactaram as relações e dinâmicas culturais e jornalísticas da cidade. “A bandeira deles era o bom jornalismo e eles faziam de tudo por isso. E foi uma relação acessível. Você tem orgulho de dizer que sentava dos lados desses caras. Tudo era muito emocionante. Era um lindo sonho de várias noites de verão”, afirma Célia (RIZZI *et al*, 2020). O desprendimento e a inovação assustou uma

ala mais velha do jornalismo, principalmente em direção ao seu principal concorrente, a *Folha de Londrina*.

Sobre a demissão coletiva que ocasionou na saída dos jornalistas veteranos, Bernardo Pellegrini provoca: “Pensa você sair de um baile para um cemitério, uma cerimônia fúnebre. Era voltar para aquela mediocridade que eu via no jornalismo” (RIZZI *et al*, 2021). Com isso, Bernardo foi chamado para trabalhar na *Folha de Londrina* e, depois, chegou a trabalhar na *Folha de S. Paulo*, em companhia de Hamilton Almeida Filho. “Eu fui pra São Paulo, tive uma dimensão daquilo e senti que aquela experiência toda estava retornando para a cidade de alguma maneira” (RIZZI *et al*, 2021). Motivado, o escritor e músico voltou para Londrina, criou um caderno de cultura, uma cooperativa jornalística e promoveu uma reforma na Folha de Londrina.

CONSIDERAÇÕES

Os relatos dos jornalistas Bernardo Pellegrini, Célia Regina de Souza, Elvira Alegre e Tadeu Felismino trazem luz ao direcionamento editorial dado pelos jornalistas oriundos do eixo Rio-São Paulo. Se de um lado o *Panorama* pôde representar uma escola de jornalismo para estudantes de Comunicação e curiosos pela profissão, de outro, o veículo representou uma oportunidade inusitada na vida destes profissionais. A vida curta do periódico, portanto, possibilitou a criação de um ambiente criativo e inovador que deu espaço e incentivo aos jovens jornalistas de Londrina.

Além disso, criou parceria e conexão entre uma nova geração de profissionais e antigas referências do jornalismo, que estenderam a oportunidade, indicando e trazendo os jovens para novas experiências no sudeste do país. Por fim, a experiência também proporcionou crescimento, criação e capacitação de diversos veículos experimentais do meio estudantil. A orientação de profissionais nas áreas de produção de pauta, revisão e edição de texto, fotografia e produção gráfica incentivou a juventude londrinense e forneceu novos ares para a produção cultural da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CHINEM, Reinaldo. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira, da ditadura à internet**. São Paulo: Disal, 2019.

CÔRTEZ, Carlos Danilo Costa. **O Diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses**. Curitiba: Editora Paranaense, 2000.

COSTA, V. A. A. FERNANDES, J. C. MARQUETE, T. Pequeno inventário de um grande acervo: a coleção de fotografias, charges e recortes dos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. **Anais do 6.º Encontro de História Regional da Mídia**. Ponta Grossa: Alcar, 2016.

DUARTE, J. BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FERNANDES, J.C. Processo de salvamento de um acervo: a coleção de imagens dos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. **Anais do 41.º Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2018.

Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1309-1.pdf> >
Acesso em 20 jul. 2022.

FERNANDES, J. C. ZANOLLA, Hiago R. Jornalismo na Geada Negra: o breve jornal Panorama (1975-1976). **Revista Linha Mestra**. Campinas, mai. 2022. V. 16, n.º 46.

KUCINSKI, Bernando. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 3.ª ed. São Paulo: Edusp, 2018.

LOBO, Rodrigo Gomes. **Processos de socialização em jornalismo: adestrando\ou focas\ou treinando trainees**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MAINARDES, L. FRANCEIRA, C. FRIOLI, G. GUILMO, M. OLIVEIRA, E. RIZZI, H. FERNANDES, J. C. O breve jornal *Panorama*: percepções do jornalismo na versão de remanescentes de experiência editorial. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. São Paulo. V. 10, n.º 27. < Disponível em: [file:///C:/Users/Jose%20Carlos/Downloads/400-1251-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Jose%20Carlos/Downloads/400-1251-1-PB%20(2).pdf) >. Acesso em 20 jul. 2022.

MOTTA, Cezar. **Até a última página: uma história do *Jornal do Brasil***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

RIZZI, Hiago; FERNANDES, José Carlos; FRANCEIRA, Catarina; FRIOLI, Giovana; GUILMO, Milena Aíssa da Silva; MAINARDES, Luísa Lis Andrade; OLIVEIRA, Eduardo Magalhães. **Entrevista com Célia Regina de Souza**. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/39MIBnU>>.

_____. **Entrevista com Elvira Alegre**. Curitiba, 2020. Anexo C. Disponível em <<https://bit.ly/39MIBnU>>.

RIZZI, Hiago; FERNANDES, José Carlos; FRANCEIRA, Catarina; FRIOLI, Giovana; GUILMO, Milena Aíssa da Silva; MAINARDES, Luísa Lis Andrade; OLIVEIRA, Eduardo Magalhães. **Entrevista com Bernardo Pellegrini**. Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/BikHa>>.

RIZZI, Hiago; FERNANDES, José Carlos; BULKA, Paula; FEDACZ, Thiago; FRANCEIRA, Catarina; FRIOLI, Giovana; MAINARDES, Luísa Lis Andrade; OLIVEIRA, Eduardo Magalhães. **Entrevista com Tadeu Felismino**. Londrina, 2022. Disponível em: <<https://bitly.com/bzLPyi>>.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. 10.^a ed. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.